

ENTRE O PRESENTE E O FUTURO: A ESCATOLOGIA EM HEBREUS

Zacarias de Aguiar Severa*

INTRODUÇÃO

Em cada nova onda teológica tipo "pop", o evangelicalismo latino-americano é forçado a se definir e, às vezes, a se defender contra exageros e deturpações. Um dos desequilíbrios atuais gira em torno da questão sobre o que o cristão pode esperar aqui nesta vida e o que resta para a vida futura. Ou seja, o que podemos esperar da experiência da salvação no presente, e o que é aguardado no céu? Como as duas partes da nossa salvação se relacionam?

Por um lado há diversos pregadores e grupos que dão ênfase quase absoluta na experiência salvífica no presente, nada deixando para o céu. Já podemos gozar de perfeita saúde, de prosperidade como herdeiros do Pai, e de vitória absoluta sobre o pecado e Satanás. Assim, é nosso dever desfrutar dessa herança agora. Falta apenas fé aos que andam em dificuldades e com problemas na vida.¹ Por outro lado, se alguns exageram os benefícios da salvação presente, outros deslocam toda ênfase para o porvir. Tudo é deixado no reino celeste e o convertido tem que agüentar essa vida como preço de ganhar o céu. Muitos evangélicos tradicionais deixam tudo para o futuro e muitos carismáticos reivindicam tudo para agora.

A Epístola aos Hebreus tem algo a dizer sobre essas esperanças, além de nos trazer equilíbrio em como pensar sobre os efeitos da nossa salvação, *i. e.*, o que podemos experimentar no dia a dia de hoje, e o que é se realizará no sentido pleno no céu. Nosso estudo sobre a escatologia no livro de Hebreus aborda não apenas o lado doutrinário mas também o prático – o que toca as profundezas da nossa vida cristã. Depois de uma breve pesquisa sobre o pano-de-fundo da Epístola, exploraremos os três aspectos da escatologia no livro de Hebreus: (1) a escatologia futurista (no céu); (2) a escatologia realizada (no presente); e (3) a nossa atitude no meio desta tensão escatológica (entre o "já" e o "ainda não").

* Zacarias de Aguiar Severa é reitor e professor de Teologia Sistemática do Seminário Batista do Paraná (Curitiba).

¹Veja Paulo Romeiro, *Evangélicos em Crise, Decadência doutrinária na igreja brasileira* (São Paulo: Mundo Cristão, 1995); Romeiro, *Os Super Crentes* (São Paulo: Mundo Cristão, 1993); e Alan B. Pieratt, *O Dedo de Deus ou os Chifres do Diabo?* (São Paulo: Vida Nova, 1994).

PANO DE FUNDO DA TENSÃO

Hebreus foi escrito para encorajar os cristãos na fé em Jesus Cristo. Os crentes aos quais o autor escrevia passavam por dificuldades na vida cristã e corriam o perigo da indiferença e da apatia com relação ao evangelho e o conseqüente abandono da profissão da fé em Cristo. Havia também uma tendência para voltar ao judaísmo, religião muito mais aceita e considerada na sociedade. O autor, então, procura provar que Jesus Cristo é superior a todos os personagens do sistema judaico, sua obra é muito mais excelente, e, portanto, o cristianismo é superior ao judaísmo e o substitui. Com base nisto, adverte os leitores das conseqüências funestas de negligenciar ou abandonar o cristianismo (2.1-4; 6.4-8; 10.23-33; 4.11-13), e anima-os a viverem de acordo com esta última Palavra de Deus. Numa parte da epístola (1.1-10.18), de caráter mais doutrinário, o autor trata de provar a superioridade de Cristo; noutra parte (10.19-13.25), mais prática, mostra as implicações da superioridade do cristianismo na vida diária.

O autor mostra a ação redentora de Deus tendo como pano de fundo um duplo dualismo: um *espacial* e outro *temporal*. No dualismo espacial ele vê as coisas terrenas como "sombras" das coisas celestiais. A realidade essencial das coisas está acima daquilo que é visível e palpável. Na terra temos apenas figuras. Desta forma, todo o sistema judaico estava baseado no que era imperfeito, nas figuras, nas sombras. Por outro lado, o sacerdócio de Cristo foi exercido – e continua com a intercessão – nas esferas celestiais, onde as coisas são reais e verdadeiras. No dualismo temporal, há o mundo presente e o mundo vindouro. Esta era presente terá um fim, e dará lugar a uma outra era, completamente diferente desta, onde as promessas de Deus terão pleno cumprimento.²

O dualismo espacial ou vertical parece refletir a filosofia

² Para estudos sobre o contexto da carta aos Hebreus, veja: William Barclay, *Hebreos* (Buenos Aires: Aurora, 1974), Vol. 13 em *El Nuevo Testamento Comentado* por William Barclay; George Wesley Buchanan, *To The Hebrews* (Nova Iorque: Doubleday, 1972), Vol. 36 em *The Anchor Bible*; Russel Norman Champlin, "Hebreus" em Vol. 5 de *O Novo Testamento Interpretado, Versículo por Versículo* (Guaratinguetá: A Voz Bíblica, s.d.); Donald Gutrie, *Hebreus - Introdução e Comentário*, trad. Gordon Chown (São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1983) na Série Cultura Bíblica; C. O. Gillis, *Comentario sobre la Epístola a los Hebreos* (El Paso: Casa Bautista, 1967); Thomas Hewitt, *The Epistle to the Hebrews: An Introduction and Commentary* (Londres: Tyndale, 1960) em *Tyndale New Testament Commentaries*; Walter A. Henrichsen, *Depois do Sacrifício*, trad. Luiz Aparecido Caruso (Deerfield

grega no pensamento do autor. Filo de Alexandria esforçou-se por interpretar o judaísmo e o cristianismo nos moldes das categorias da filosofia de Platão, segundo a qual o mundo é apenas uma cópia imperfeita de um mundo ideal no céu, modelo de todas as coisas.³ Já o dualismo temporal ou horizontal segue a concepção judaico-cristã, com um mundo novo no futuro, tomando o lugar deste. Não há contradição entre este duplo dualismo, mas sim uma complementação. A verticalidade expressa o caráter único da intervenção divina em Jesus; enquanto que o aspecto horizontal estabelece uma relação entre essa intervenção e a história da salvação.

A escatologia de Hebreus tem como pano de fundo esse duplo dualismo da cosmovisão do autor. Ao tratar da escatologia, ele não deixa fora a idéia do terreno e do celestial para só falar do mundo presente e do vindouro. Para o autor, as realidades do mundo vindouro são as mesmas que ele chama de realidades "celestiais", que de alguma forma já têm chegado ao mundo por meio de Cristo, que veio do céu.

A ESCATOLOGIA FUTURISTA DE HEBREUS

O autor de Hebreus apresenta eventos que ainda vão ocorrer na história e na vida do povo de Deus como cumprimento pleno das promessas de redenção. A salvação não estará completa sem que primeiro esses eventos dramáticos aconteçam. Eles marcarão o fim de uma era e o começo de outra, quando o povo de Cristo encontrará o seu verdadeiro destino. As principais idéias da escatologia futurista de Hebreus são a do mundo vindouro, do descanso, da volta de Cristo, da ressurreição, do juízo final e da restauração do mundo.

FL: Vida, 1985); Herschel A. Hobbs, *A Carta aos Hebreus* (Rio de Janeiro: JUERP, 1958); Neil R. Lightfoot, *Hebreus*, trad. Neyd V. Siqueira (São Paulo: Vida Cristã, 1981); Leon Morris, "Hebrews" em Vol. 12, *The Expositors Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin (Grand Rapids: Zondervan, 1981); A. B. Rudd, *La Epístola a los Hebreos* (El Paso: Casa Bautista, s. d.); A. M. Stibbs, "Epístola aos Hebreus" em *O Novo Comentário da Bíblia* (São Paulo: Vida Nova, 1963); Charles A. Trentham, "Hebreus" em Vol. 12 do *Comentário Bíblico Broadman*, trad. Adiel Almeida de Oliveira (Rio de Janeiro: JUERP, 1985) e B. F. Westcott, *The Epistle to the Hebrews* (nova ed., Grand Rapids, Eerdmans, 1973).

³George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, trad. Darci Dusilek e Jussara M.P.S. Árias (Rio de Janeiro: JUERP, 1985), 530, diz que "alguns estudiosos têm insistido que o dualismo espacial dos dois mundos é o centro real da escatologia de Hebreus, e o dualismo escatológico é um resto da tradição, não assimilada.

O Mundo Vindouro

Porque não foi aos anjos que Deus sujeitou o mundo vindouro, de que falamos (2.5). e provaram a boa palavra de Deus, e os poderes do mundo vindouro (6.5).

A expressão *mundo vindouro* (*he oikoumene he mellousa*) tem sido interpretada de várias maneiras: (1) o mundo de além, no porvir, depois da destruição do presente universo; (2) o céu, futuro para nós mas já presente em realidade; (3) a nova ordem messiânica, inaugurada por Jesus, portanto, a dispensação da graça em oposição à lei. Pode haver verdade em todas estas interpretações. Todavia, o carácter futuro desse mundo deve ser lembrado, e por isto a expressão designa uma espécie de mundo que ainda está no futuro. Certamente o autor está pensando na nova ordem que emergirá no fim da era presente, mas que já começou com a vinda de Cristo. Portanto, uma ênfase na interpretação "(1)" combinada com a "(3)".

Hebreus afirma que as coisas que existem hoje serão removidas, para que permaneçam as coisas "inabaláveis". "Ainda uma vez hei de abalar não só a terra, mas também o céu. Ora, esta palavra – Ainda uma vez – significa a remoção das coisas abaláveis, como coisas criadas, para que permaneçam as coisas inabaláveis" (12.26,27). Há aqui uma promessa de abalo não só da terra, como aconteceu pela ocasião da doação da lei no Sinai, mas também do céu. Isto ainda vai acontecer, e com certeza refere-se ao fim do mundo presente e o estabelecimento do mundo vindouro, inabalável, para o reino de Deus (v.28). Em 1.11 o autor declara que a terra e os céus "perecerão". O presente mundo será abalado e removido por meio de uma catástrofe cósmica, e então o mundo vindouro aparecerá. Ele contém todas as realidades celestiais, que já existem, mas que ainda nos são ocultas, sendo percebidas apenas parcialmente pelos olhos da fé (11.1). Esse mundo vindouro combina com o céu, onde Cristo entrou (4.14; 6.20; 8.1; 9.24; 10.19). As bênçãos do mundo vindouro estão relacionadas e identificadas com as coisas celestiais. Por isto não podemos separar o mundo vindouro da idéia de céu.

O autor diz que há uma "pátria" que é "celestial", uma "cidade" já preparada por Deus para os fiéis (11.16). A "cidade do Deus vivo", a "Jerusalém celestial" (12.22). Essa cidade ou esse mundo vindouro já existe, mas para nós ele ainda é vindouro (13.14). Ele é descrito como realidade celestial invisível para os homens, porém real. Um dia ele será revelado plenamente e então o conheceremos como realidade presente e viveremos nele.

O mundo vindouro não está sujeito aos anjos, mas a Cristo (2.5,8s). Nele o remido estará com Cristo em glória no seu Reino eterno. É uma realização divina para que o homem atinja sua plenitude existencial, não só no que diz respeito ao domínio, mas tam-

bém quanto à glória e ao gozo eternos. Esta foi a finalidade de Cristo ter entrado na experiência humana (2.8-15): levar muitos filhos à glória, no mundo vindouro.

O Descanso

Portanto resta ainda um repouso sabático para o povo de Deus. Pois aquele que entrou no descanso de Deus, esse também descansou de suas obras, assim como Deus das suas (4.9,10).

No sentido escatológico, o descanso pode ser traduzido como a salvação que os crentes receberão na vinda de Cristo. É a "herança eterna" (9.15), a "pátria melhor" (11.16) e "celestial". O descanso não consiste em mera inatividade. A palavra "descreve a satisfação e o repouso da realização bem sucedida".⁴ Assim como Deus descansou da obra da criação no sétimo dia.

O descanso prometido não foi a terra de Canaã, porque muito tempo depois, quando o povo já estava na terra prometida, Deus falou de uma nova oportunidade de entrar no descanso (4.7). O "hoje" de Deus assinala uma oportunidade presente para um novo descanso. Canaã foi apenas uma figura do verdadeiro repouso (11.15,16). Uma outra figura do descanso eterno de Deus para o seu povo foi o "sétimo dia" da criação, quando Deus cessou de todas as suas atividades criadoras. O "sétimo dia", portanto, anuncia um tempo no fim quando não mais teremos as fadigas da vida impostas pelo pecado, mas estaremos em paz e júbilo na presença de Deus.

O autor introduz aqui uma palavra nova, *sabbatismos*, que significa repouso sabático. Conforme Donald Guthrie, "pode ter sido cunhada por este escritor (...) porque diferencia eficazmente entre o tipo espiritual de descanso e o descanso em Canaã".⁵ A palavra utilizada pela Septuaginta em Salmos é *katapausis*. C.O. Gillis declara que nesta palavra *sabbatismos* "se relaciona o repouso do povo de Deus no céu com o repouso de Deus ao princípio do mundo depois da sua obra da criação. Relaciona-se também com o sábado, que historicamente (Gn 2.1-3; Ex 20.11) tem sua base no fato de que Deus repousou no sétimo dia. O sábado também era uma ilustração do repouso final do crente no céu".⁶ Esse descanso

⁴Stibbs, "Epístola aos Hebreus", 1356.

⁵Guthrie, *Hebreus*, 109. Este autor lembra que o Salmo 95.11 contém a palavra *katapausis* na LXX e cita Héring, que diz: "*katapausis* não deve invocar meramente a noção de repouso, como também as de paz, alegria e concórdia".

⁶Gillis, *Hebreos*, 47, enfatiza que a palavra *sabbatismos* significa repouso sabático e assim deveria ser traduzida para conservar a distinção no original entre ela e *katapausis*.

tem sua origem em Deus. É o “seu descanso” (4.1). Caracteriza-se pela paz de Deus e a cessação de todas as fadigas do mundo presente.

A Vinda de Cristo.

...assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação (9.28). (...) tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele dia (10.25). Pois ainda em bem pouco tempo aquele que há de vir virá, e não tardará (10.37).

Depois de mencionar o trabalho sacrificial de Cristo, “para levar os pecados de muitos”, o escritor assegura que Jesus Cristo “aparecerá segunda vez”. A segunda vinda de Cristo será pessoal, exterior e visível, e não mera influência impessoal, subjetiva e invisível. Ele aparecerá “segunda vez” tão real e pessoal como na primeira.

Ele virá “sem pecado”, no sentido de que não virá para lidar com os nossos pecados e sofrer por eles. Ele virá separado dos nossos pecados, e não mais “em tudo como nós”, como da primeira vez (4.15). Na primeira vinda Cristo veio “sem pecado” no seu caráter. Na segunda vinda Ele virá “sem pecado” no seu caráter e na sua função, pois virá glorificado. Portanto, o “sem pecado” de 9.28 difere no significado da mesma expressão em 4.15.

Hebreus relaciona a segunda vinda de Cristo com a completa salvação. Ele aparecerá “aos que o esperam para a salvação”. Significa que a salvação requer a presença real de Cristo em nosso meio. Alguns eventos que trarão a consumação da redenção, como a ressurreição, o juízo final, a renovação do céu e da terra, e a plenitude da comunhão com Deus, só terão lugar com a presença de Cristo, na sua vinda final.

A segunda vinda de Cristo é esperada para breve. Vai se “aproximando aquele dia”, e “em bem pouco tempo aquele que há de vir virá, e não tardará”. A expectativa da volta iminente de Cristo sempre foi para os cristãos primitivos e para muitos ao longo da história da Igreja uma razão muito forte para a fidelidade. O escritor serve-se desta esperança escatológica para encorajar os leitores à consagração e à perseverança. Aquela dia é de salvação e de recompensa para os que o “esperam”. Mas se o justo recuar, o prazer do Senhor não estará nele (10.38).

Convém observar que o autor não se refere à futura vinda de Cristo em duas etapas: uma invisível para o mundo, para ressuscitar e arrebataram os salvos, e outra visível a todos, juntamente com os salvos, para reinar na terra por mil anos. Isto não é ensinado em Hebreus. Nenhuma outra oportunidade haverá para a salvação, senão para os que já o esperam. A nossa relação com Cristo

neste tempo presente define o nosso destino eterno. E nada se pode fazer depois da morte ou depois da volta de Cristo.

A Ressurreição

... e o ensino sobre ... ressurreição de mortos (6.2).

As mulheres receberam pela ressurreições os seus mortos (11.35)

A doutrina da ressurreição dos mortos não é enfatizada pelo autor de Hebreus, talvez pelo fato de ele considerar a ressurreição (juntamente com o arrependimento, a fé em Deus, o batismo, o juízo) um rudimento "da doutrina de Cristo", da qual os leitores já deviam ter saído e avançado para a perfeição (6.1). Mas convém notar que a doutrina é "de Cristo". Por ser rudimento não significa que não seja importante. Significa sim que ela é fundamental na salvação, como o é o arrependimento, a fé. Significa também que ela está implícita na esperança cristã. É doutrina elementar, primária, sem a qual não se pode entender e aceitar a salvação.

O autor fala da ressurreição ocorrida, por meio da qual as mulheres receberam os seus mortos (11.35). Foi algo que aconteceu na história do povo de Deus (2 Re 4.18ss; 1 Re 17.17). Para o autor, portanto, já está provado que os mortos ressuscitam. As ressuscitações históricas comprovam a plausibilidade da ressurreição escatológica. Esta é imprescindível para o aperfeiçoamento do povo de Deus, tanto do passado como do presente (11.40). O aperfeiçoamento de que o autor tanto fala (7.19; 10.14; 11.40; 12.23; 13.21), e que já começou naqueles que já crêem em Jesus, mediante a regeneração, e prossegue pela santificação, só será completa quando o corpo físico for libertado da sua corrupção e mortalidade. Isto é o que vai acontecer na ressurreição do último dia. Assim, embora Hebreus não lide muito com o termo ressurreição, a idéia, entretanto, está presente e de modo básico na sua escatologia.

Também nada se diz no livro de duas ressurreições, uma só dos crentes e outra dos ímpios, mil anos depois da primeira. É certo que este não era um problema que o autor estivesse querendo esclarecer. Entretanto, não obstante os muitos apelos à fidelidade e às terríveis consequências da infidelidade, nada se diz em Hebreus de pessoas deixadas sem ressurreição, padecendo por um tempo neste mundo.

O Juízo Final

E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disto o juízo (9.27). ... mas uma expectativa terrível de

juízo, e um ardor de fogo que há de devorar os adversários (10.27). Pois conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo (10. 30,31). ... e a Deus, o juiz de todos (12.23) ... pois o nosso Deus é um fogo consumidor (12.29).

O autor de Hebreus acentua bem o fato de que ao final da existência seremos todos julgados por Deus. Embora haja juízos de Deus sobre o seu povo e sobre os indivíduos durante esta existência, a ênfase é no juízo final, depois da morte (9.27). Não significa que ele ocorra imediatamente após a morte, mas que deve ser esperado subsequente, depois desta vida.

O juízo é visto como inevitável, seja para recompensa ou para a condenação. Será uma prestação de contas dos homens com Deus. "E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas" (4.13). A doutrina do juízo eterno é elementar e primária na fé cristã (6.2). Para aqueles que não conhecem a Cristo, ou conhecem mas rejeitam-no, a única alternativa é "uma expectativa terrível de juízo, e um ardor de fogo que há de devorar os adversários (10.27). A própria consciência do indivíduo denuncia a condenação no juízo de Deus. Fogo é figura de ação que devora, queima e destrói. Esta é a pena para o pecado, que só será revelada e conhecida plenamente no dia do juízo. Para os que confiam e obedecem a Cristo, no lugar de condenação haverá salvação na vinda de Cristo (9.28), e "uma grande recompensa" (10.35).

A seriedade do juízo de Deus pode ser aquilatada pelo caráter do Juiz. "Conhecemos aquele..." (10.30). Seu caráter é de absoluta justiça e santidade. Seu conhecimento de todas as coisas é perfeito. Seu poder é total. Pois bem, foi Ele quem disse: "Minha é a vingança; eu retribuirei". A conclusão bíblica é que cair nas mãos desse juiz é coisa "horrenda". Melhor é acertar a vida com Ele agora, por meio do novo pacto, segundo o qual Deus perdoa os pecados e deles não se lembrará mais, nem no dia do juízo.

Em Hebreus não se diz que Jesus há de julgar. Esta é uma função de Deus, o Pai. O Filho é salientado como Sacerdote, que está no céu e intercede por nós. Ou ainda como Rei, assentado à direita do Pai, esperando, até que os inimigos estejam debaixo de seus pés (1.13). Entretanto, este fato não contradiz outras partes das Escrituras onde se afirma que o Filho vai julgar (cf. Mt 25.31ss; At 17.31ss). Creio que a explicação é dada pelo Senhor Jesus mesmo: "E, mesmo que eu julgue, o meu juízo é verdadeiro; porque não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou" (Jo 8.17). O juízo é de Deus, o Pai, mas o agente é o Filho, o que está entre Deus e os homens.

O autor do livro não ensina que haverá dois ou mais juízos, como sendo um para julgar as nações e outro em geral para os indivíduos. Nem se ensina qualquer recompensa para o justo, como a ressurreição e o reino com Cristo na terra antes do juízo final. O juízo de Deus avalia e declara publicamente todos os atos da existência de cada pessoa, praticados nesta existência, seguindo-se a existência no "mundo vindouro", que não é nesta terra, mas na "pátria melhor", na "celestial".

A Remoção das Coisas Abaláveis

... mas agora tem ele prometido, dizendo: Ainda uma vez hei de abalar não só a terra, mas também o céu. Ora, esta palavra – Ainda uma vez – significa a remoção das coisas abaláveis, como coisas criadas, para que permaneçam as coisas inabaláveis. Pelo que, recebendo nós um reino que não pode ser abalado... (12.26-28).

Novamente o autor dirige o pensamento dos seus leitores para os acontecimentos do fim. Ele se refere a uma promessa de Ageu 2.6, segundo a qual Deus vai abalar ainda uma vez não só a terra mas também o céu. Quanto ao abalo da terra, certamente o profeta está pensando nos acontecimentos especiais quando a terra foi abalada por terremoto ou por uma ação direta de Deus como quando foi doada a Lei no monte Sinai. Mas Deus prometeu *ainda uma vez* abalar não só a terra mas também o céu. Não obstante o cumprimento parcial desta profecia, na vida e a obra de Jesus, com certeza seu cumprimento definitivo ainda está no futuro, e será no final desta era, no estabelecimento do reino de Deus. A expressão "Ainda uma vez" reflete uma ação definitiva e final quando as coisas abaláveis, isto é, transitórias, devem ser removidas, para que permaneçam somente aquelas que são eternas, do reino de Deus.

Não está claro o que o autor quer referir-se com "coisas abaláveis" e "coisas inabaláveis". Diz que as "coisas abaláveis" são "como coisas criadas" e só vão permanecer "as coisas inabaláveis". O autor "está contrastando as coisas que estão fixas e estáveis com aquelas que são temporárias em sua natureza ou que não estão firmadas sobre fundamento firme".⁷ Provavelmente as "coisas abaláveis" inclui todas as coisas desta criação que seja de caráter transitório, como os sistemas e as instituições existentes, sejam de origem humana ou divina, e a própria terra nas suas condições atuais. Elas devem dar lugar às coisas permanentes, eternas, sem nenhuma possibilidade de alteração que leve à instabilidade do reino de Deus.

⁷ Albert Barnes, *Notes on the New Testament* (3rd ed., Grand Rapids: Eerdmans, 1966) 1339.

Creio que esta promessa combina com a declaração de 2 Pedro 3.10, segundo a qual no dia do Senhor “os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão, e a terra, e as obras que nela há, serão descobertas”. Outros escritores bíblicos também falaram da transformação da criação presente (Rm 8.19-23; At 3.21; Ap 21.1). No fim deste tempo presente, antes da chegada do “mundo vindouro”, este mundo passará por uma transformação.

G. E. Ladd afirma: “Este século terminará com uma catástrofe cósmica, pela qual a ordem presente será abalada (1.11,12; 12.26) e o verdadeiro reino de Deus, agora invisível, tornar-se-á visível”.⁸

Será feita então uma separação entre o que é permanente e o passageiro. Portanto, as “coisas abaláveis” podem referir-se ao mundo material e temporal em contraste com o mundo espiritual e celestial que permanecem. O ensino da epístola é que a antiga dispensação pertence à esfera das “coisas abaláveis”, e portanto, tem que desaparecer, dando lugar ao Reino de Deus, constituído de coisas inabaláveis. Esta ação divina terá um desfecho final no fim dos tempos.

Assim, a escatologia de Hebreus deixa claro que nem todos os aspectos da salvação se realizam nesta vida. O mundo vindouro das coisas inabaláveis, a plenitude do descanso – o sábado eterno, a volta de Cristo, a ressurreição do corpo e o juízo final para recompensa ou para condenação. Tudo isso serve para motivar o cristão que é tentado a olhar para trás a firmar-se nas promessas vindouras de Deus e a esforçar-se em meio a dificuldades, sendo fiel até o fim. À semelhança dos crentes do AT, ainda que os benefícios em Cristo sejam maiores, o cristão espera a plenitude de sua salvação só no *escaton* de Deus.

Quais, pois, são os benefícios da fé cristã? Se Jesus Cristo é superior aos anjos, a Abraão, a Moisés e a Levi, como isso afeta a vida dos redimidos que têm fé em seu sangue?

A ESCATOLOGIA REALIZADA EM HEBREUS

Sob inspiração do Espírito, o autor de Hebreus concentra sua esperança escatológica nas coisas que irão acontecer no futuro. Por outro lado, trata também de uma escatologia já realizada neste mundo presente. Isso quer dizer, realidades pertencen-

⁸ Ladd, Teologia do Novo Testamento, 531, afirma que Hebreus concebe um Reino invisível já existente no céu, que continuará sem danos em sua suprema realidade e permanência quando este mundo for abalado por uma catástrofe cósmica.

centes ao "mundo vindouro" penetraram na história, mediante a pessoa e obra de Jesus Cristo, cumprindo em parte a escatologia do Antigo Testamento. Assim também é possível pensar numa escatologia realizada.

Os "Últimos Dias" Presentes

... nestes últimos dias a nós nos falou pelo Filho (1.2). ... mas agora, na consumação dos séculos, uma vez por todas se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo (9.26).

O que significa a expressão os "últimos dias"? Alguns entendem que tem referência ao final do período da antiga dispensação, um pouco antes da crucificação, significando então "ao fim destes dias", isto é, uma crise com nova revelação que marcaria o fim da velha era.⁹ Outros enfatizam o aspecto do novo tempo inaugurado por Cristo, a era cristã, que envolve uma nova era comparada com a antiga, equivalendo à *última dispensação*.

C. O. Gillis se refere a Delitzsch, dizendo:

grande autoridade no idioma hebraico, crê que esta expressão corresponde ao termo hebraico *hryth hymym*: 'Nunca expressa a noção de um mero futuro simples, que há de seguir o presente no decurso do desenrolar histórico comum, antes, sempre se refere ao período final que há de concluir toda a história, e forma o último confim do círculo de visão daquele que fala'.¹⁰

A expressão se refere à época em que o autor está vivendo, quando Deus tem falado por meio de Cristo. Donald Guthrie declara: "Mas tendo em vista a expressão correspondente 'ao se cumprirem os tempos em 9.26, é mais provável que 'estes últimos dias' se refira à era cristã, que envolve uma nova era comparada com a antiga."¹¹ Mas trata-se de um tempo do fim. A expressão foi usada algumas vezes pelos profetas do Antigo Testamento para designar a era messiânica (Is 2.2; Ez 38.16; Os 3.5; Mq 4.1). Para o autor de Hebreus, com a vinda e o ministério de Jesus, chegamos aos "últimos dias" proclamados pela profecia.

Grandes eventos escatológicos foram profetizados no AT. Entre eles, destacam-se a vinda do Messias, o reino de Deus, a nova aliança, o derramamento do Espírito, a salvação. Todos estes acontecimentos teriam lugar no "dia do Senhor", nos "últimos dias",

⁹ Gillis, *Hebreos*, 2, observe que, Vincent tem esta posição.

¹⁰ *Op. Cit.*

¹¹ Guthrie, *Hebreus*, 59.

nos "dias vindouros" ou "naqueles dias".¹² A idéia de Hebreus é que o tempo destas coisas acontecerem chegou com Cristo. Estamos na "consumação dos séculos" (9.26). O Filho de Deus já veio e a última palavra de Deus já foi falada (1.1,2); a nova aliança já foi firmada (8.6ss); o reino já começou (1.13; 2.8ss); a salvação já pode ser experimentada (2.14,15; 6.4,5).

Portanto, há um aspecto da escatologia bíblica que já foi realizado neste tempo presente, assinala o fim deste e prenuncia a chegada do "mundo vindouro", cujos poderes já se fazem presentes neste (6.5). Enfim, estes "últimos dias", que começaram com a primeira vinda de Cristo e terminam com o "dia do Senhor" estão recheados de acontecimentos escatológicos, cuja significação se encontra nas realidades do "mundo vindouro". Esta era messiânica está revestida de caráter escatológico, pois é palco de manifestações vindas do mundo porvir, além de anunciar a chegada breve deste.

O Reino de Cristo Hoje

Mas do Filho diz: O teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos, e cetro de equidade é o cetro do teu reino (1.8). Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés (1.13). ... assentou-se à direita da Majestade nas alturas (1.3).

O autor cita passagens do AT para fundamentar a superioridade de Cristo em relação aos anjos, dizendo que Jesus é Rei eterno, enquanto que os anjos são apenas servos ministradores. O reinado de Cristo, que deve ser concebido em termos de soberania real e não tanto em termos de lugar, já começou, e avança até chegar a manifestação do seu domínio pleno. Jesus Cristo já está assentado "à direita da Majestade nas alturas". Este seu assentar-se pode traduzir a idéia da obra sacerdotal acabada (8.1), mas certamente quer referir-se também à realeza de Cristo, porque assentar-se está relacionado com o esperar que "os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés" (10.12,13). Em 12.2 diz-se que Ele assentou-se

¹² Anthony A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro* (São Paulo: CEP, 1989) 19-20, afirma que os crentes do AT aguardavam, no futuro, as seguintes realidades escatológicas: o Redentor vindouro, o Reino de Deus, a nova aliança, a restauração de Israel, o derramamento do Espírito, o Dia do Senhor, os novos céus e a nova terra. Mas todos eles morreram sem terem alcançado a promessa. Em Cristo, porém, todas essas realidades foram parcialmente realizadas, e aguardam sua concretização final no fim dos tempos.

à direita do trono de Deus. O trono traduz a idéia de reinado.

Todas as coisas já estão sujeitas a Cristo, embora ainda não possamos ver que todas as coisas lhe estejam sujeitas (2.8b). Vemos Jesus "coroado de glória e de honra" (2.9). Ele já derrotou o diabo que tinha o poder da morte e mantinha os homens sujeitos à escravidão (2.14,15). Cristo já reina, num reino espiritual. E qualquer cristão que tenha expulsado demônios ou visto poderes malignos quebrados sabe da realidade deste reino espiritual do Salvador.

Convém ressaltar bem o caráter espiritual desse reino de Cristo, na era presente. Jesus concebeu o reino não só em termos de "mundo vindouro", mas também em sentido de poder de Deus operando no mundo presente (Mt 12.28; Lc 17.21). Paulo enfatizou este aspecto do reino também (Rm 14.17; 1 Co 4.20; 15.24; Ef 1.20-23; Cl 1.13). Hebreus diz que esse reino já é recebido aqui pelo crente (12.28). Contudo, esse aspecto presente e espiritual do reino de Deus não esgota o sentido bíblico dele. É apenas um aspecto da escatologia bíblica que já se realizou com a vinda de Jesus Cristo, e confirma o reino futuro, quando as coisas "abaláveis" serão removidas, "para que permaneçam as coisas inabaláveis" (12.27).

O Descanso Presente

Porque nós, os que temos crido, é que entramos no descanso, tal como disse... (4.3)

Já temos visto a promessa do descanso eterno no porvir, mas quando o autor declara que "*nós, os que temos crido* (tempo passado), *é que entramos* (tempo presente) *no descanso*", está ressaltando que o descanso de que está pensando é uma experiência já no processo de ser cumprida. Não é algo simplesmente para ser esperado no futuro, mas já é uma parte essencial da realidade presente para os cristãos.

Que tipo de descanso é este? Guthrie afirma que o que os crentes podem experimentar agora em termos de descanso "não é diferente do tipo de descanso do qual o Criador desfrutou depois de ter completado as suas obras, o que significa que a idéia do descanso é a da obra aperfeiçoada e não da inatividade."¹³ Aquele descanso de Deus tipifica o descanso que os crentes têm depois das fadigas desta criação "sujeita à vaidade" (Rm 8.20). Mas não é preciso esperar sair deste mundo para começar a experimentar esse descanso. Já há um repouso aqui para os filhos de Deus, ainda que não de maneira completa. A alma cansada e oprimida pelo pecado

¹³Guthrie, *Hebreus*, 106.

e suas conseqüências no mundo pode receber alívio em Jesus (Mt 11.28-30). É este repouso espiritual para o crente que está na mente do autor de Hebreus. Uma antecipação parcial do descanso eterno, o céu, para os salvos.

Os Poderes do Mundo Vindouro

... e provaram a boa palavra de Deus, e os poderes do mundo vindouro (6.5).

Os poderes do mundo vindouro já atuam neste mundo e podem ser "provados". O que o autor quer dizer? Não pode estar se referindo a uma esperança remota na era do porvir. Donald Guthrie declara que "é bem possível que aqui esteja pensando no antegozo presente de uma experiência que não chegará ao seu clímax até à segunda vinda."¹⁴

Provavelmente, o poder do Espírito Santo está também na mente do autor, porque ele se refere no verso anterior à iluminação e a participação do Espírito Santo (6.4). C. O. Gillis, comentando esta expressão "poderes do mundo vindouro", diz que na época de Jesus se manifestaram muitas *virtudes*, ou seja, milagres, que foram feitos por meio da influência e poder do Espírito Santo.¹⁵

O Espírito Santo, que opera maravilhas e leva o homem ao convencimento das realidades espirituais e eternas, e que opera a regeneração, pertence ao mundo que há de vir. A salvação que se opera no mundo presente não é causada por nenhum poder procedente dele mesmo ou do homem, mas de fora. Este poder é próprio do reino de Deus. Ele já entrou na história, com Cristo, e podemos provar dos seus benefícios. Jesus disse: "*Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus* (Mt 12.28). Jesus está dizendo que num sentido o reino de Deus já é uma realidade presente, porque "os poderes do mundo vindouro" penetraram no mundo presente, e os poderes do mal estão sendo desalojados das vidas que estavam sendo oprimidas.

A Presença de Outras Realidades Escatológicas

A escatologia do AT incluía alguns outros eventos que tiveram seu cumprimento, parcial ao menos, com a vinda e ministério

¹⁴ *Op. Cit.* É importante observar a relação de dependência das experiências presentes da salvação com o mundo porvir, a partir do regresso de Cristo, mesmo na linguagem de quem enfatiza bastante a realidade espiritual da era presente.

¹⁵ Gillis, *Hebreos*, 73.

de Jesus Cristo. Hebreus menciona algumas destas realidades escatológicas que incluem estas duas.

O Novo Pacto. No capítulo 8 (vs. 8-12) o autor mostra que Jesus Cristo inaugurou o novo pacto anunciado por Deus no AT, especialmente pela boca do profeta Jeremias. Há três pontos essenciais nesse pacto de Deus com os homens: a) interiorização da lei de Deus (v.10), b) conhecimento de Deus ao alcance de todos (v.11) e c) perdão dos pecados (v.12). Este pacto modifica a relação das pessoas com Deus. Estabelece uma relação característica do mundo vindouro, mas que é antecipada na história pela mediação de Jesus e do Espírito Santo naquele que crê.

Na regeneração e santificação o Espírito de Deus faz com que a lei moral de Deus seja gravada no coração do crente. Na justificação os pecados são perdoados e o ímpio é absolvido da condenação eterna e recebido diante de Deus em "adoção de filho". Tudo isto tem a ver com as últimas coisas do processo salvífico de Deus, porém, já em operação no mundo, embora não de modo pleno.

Comunhão com Deus. A salvação e toda a escatologia têm como elemento central e básico a restauração da comunhão do homem com Deus, rompida pelo pecado. Com o pecado, Deus e o homem se separam. Deus está "no céu", e o homem "na terra". O homem fala a Deus e o busca, mas o pecado os separa. Entretanto, com a vinda de Jesus Cristo, a comunhão restaurada do homem com Deus já pode ser experimentada. Diz ele:

Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrarmos no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus, pelo caminho que ele nos inaugurou, caminho novo e vivo (...) e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé (10.19-22). Mas tendes chegado ao Monte Sião, e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, a miríades de anjos; à universal assembléia e igreja dos primogênitos inscritos nos céus, e a Deus (...) e a Jesus, o mediador de um novo pacto (12.22-24).

Assim, nem todos os benefícios da salvação aguardam-nos no céu. Há uma aproximação espiritual dos crentes com as realidades celestiais e com a própria divindade, já em vigor desde a vinda de Cristo ao mundo, prenúncio e confirmação de uma comunhão maior e plena no fim dos tempos. Já podemos entrar no "santíssimo lugar" - presença de Deus. O "sangue de Jesus" abriu um "caminho novo e vivo". Não há perigo de rejeição por parte de Deus, porque temos "um grande sacerdote sobre a casa de Deus". Já chegamos "ao Monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial". Muitas vezes, a pregação sobre o céu, tão importante para a esperança cristã, minimiza a riqueza da salvação presente. Pode-se dizer que em Hebreus o crente está entre o presente e o futuro.

A TENSÃO ESCATOLÓGICA NA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

A Bíblia retrata uma tensão escatológica entre o "já" e o "ainda não" que o crente experimenta na sua vida. A escatologia futura já deu sinais de sua realização na história, de modo que o salvo vive numa tensão entre o realizado e o que ainda está por acontecer. Hebreus enfatiza alguns elementos vitais dessa tensão na vida cristã.

A Importância da Fé

Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem (11.1). Porque nós, os que temos crido, é que entramos no descanso (4.3).

A fé liga o crente às realidades futuras e faz com que estas se tornem de algum modo reais no presente. Além disto, a fé percebe realidades espirituais e futuras já presentes, em alguma medida. Como diz Ladd: "A fé é o meio através do qual o crente pode agora alcançar este mundo invisível, de realidades celestiais."¹⁶

Não temos em 11.1 uma definição de fé, mas a descrição de alguns de seus aspectos. A fé concretiza para o crente aquelas coisas invisíveis que fazem parte das promessas de Deus para o futuro. Ela traz uma convicção (prova subjetiva) dessas realidades não perceptíveis pelas faculdades naturais do homem.¹⁷ Pela fé o gozo das bênçãos futuras é parcialmente antecipado para o presente. Assim, o crente não vive meramente à espera de algo totalmente no futuro. Se assim fosse, estaria alienado deste mundo e do vindouro. Mas também não vive à mercê da realidade visível deste mundo. Estaria alienado existencialmente da "herança" celestial (11.8). A fé consubstancia as coisas invisíveis e futuras para a vida presente, modificando esta para melhor.

Fé é a única maneira pela qual é possível apropriar-se das realidades celestiais reveladas em Cristo. O autor faz vários apelos à firmeza da fé e exorta contra o perigo de fracassar na fé (3.12-19; 4.14-16; 10.19-39; 11.1-40, etc.). O grande exemplo de fracasso nos vem do povo de Israel "que não puderam entrar por causa da incredulidade" (3.19). A incredulidade gera a desobediência e esta afasta o homem das promessas de Deus (3.17,18). Entretanto, a fé cristã precisa ser orientada escatologicamente (11.13,39,40), porque o conteúdo maior da salvação está para vir.

¹⁶ Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 531.

¹⁷ Gillis, *Hebreus*, 174.

O Elo da Esperança

... para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos poderosa consolação, nós, os que nos refugiamos em lançar mão da esperança proposta; a qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até o interior do véu (6.18,19).

A esperança cristã é a esperança da vida eterna com todas as suas bem-aventuranças. É a salvação plena, no mundo vindouro. A esperança é corolário da fé. O elo que liga a alma do crente com as coisas futuras e celestiais. "Âncora da alma, segura e firme, e que penetra até o interior do véu".

Esta esperança é "proposta" por Deus, por isto ela é "segura e firme." É o caráter de Deus que faz esta esperança diferente de qualquer esperança humana. "Fiel é aquele que fez a promessa" (10.23). Trata-se de uma esperança gloriosa (3.6), que pode atingir "completa certeza" (6.11), e significar para o crente "poderosa consolação" (6.18).

A esperança é enfatizada na perspectiva escatológica da salvação. Quanto mais ênfase escatológica damos ao significado da salvação, tanto mais relevante se torna a esperança. A esperança introduzida por Cristo é melhor do que a que possuíam os santos do AT, porque em parte já podemos experimentar o cumprimento das promessas (escatologia realizada).¹⁸

O Progresso na Santificação

Pois com uma só oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados (10.14).

Com uma única oferta Jesus Cristo obteve perfeição para os crentes. Não é necessário outro sacrifício. A frase "os que estão sendo santificados" está no tempo presente contínuo e pode ser interpretada: "os que estão constantemente sendo santificados".¹⁹ No livro de Hebreus encontramos várias exortações no sentido de o crente prosseguir na fé, na esperança e na obediência. Há um apelo geral para o progresso na santificação, e até uma censura aos que têm retardado este progresso, pois "devendo já ser mestres em razão do tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar os princípios elementares dos oráculos de Deus, e vos haveis feito tais que precisais

¹⁸Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 532. Diz que "a perspectiva escatológica sozinha contribui para a ênfase, comparativamente freqüente, sobre a esperança".

¹⁹Guthrie, *Hebreus*, 196.

de leite, e não de alimento sólido" (5:12). É pela oferta do corpo de Jesus que somos santificados (10.10; 13.12). A obediência a Ele é fundamental para o progresso na santificação. Na regeneração a santificação começa a existir de fato. Na esperança da glória ela se torna mais e mais desejada e necessária. Vale dizer, sua razão de ser é escatológica – a futura e a realizada. A santificação é então o resultado progressivo da vida de fé e de esperança em meio à tensão entre o "já" e o "ainda não".

No exercício da fé, da esperança e da obediência para a santificação, está presente também a paciência (6.12; 10.36). Paciência é longanimidade, largura de ânimo, aquele que sofre largamente, sem vacilar. A perseverança é necessária (10.36) para que a vontade de Deus seja feita e suas promessas sejam alcançadas. "Porque necessitais de perseverança, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa".

CONCLUSÃO

Como vimos, em Hebreus encontramos uma escatologia futura que em parte já foi realizada e continua sendo realizada por meio de Cristo neste mundo presente, acessível aos crentes, mediante a fé. Vestígios do mundo vindouro já podem ser vistos e experimentados aqui e agora. Esse futuro ainda não totalmente realizado deixa o crente numa tensão escatológica do "já-ainda não". O "já" fundamenta e confirma o "ainda não". Nessa tensão o crente precisa desenvolver sua fé, sua esperança e sua obediência, com toda a paciência. Tudo isto faz parte de um processo divino pelo qual Deus dá escape da condição caída deste mundo, que está passando, e a posseção do mundo celestial que virá.

Hebreus também dá uma ênfase no caráter espiritual das promessas de Deus no AT. A terra prometida, a cidade, o templo, o sacrifício, tudo no sistema mosaico prefigurava a realidade das coisas celestiais, como o lugar onde Deus está e onde vamos morar com todos os remidos pelo sangue de Cristo. O duplo dualismo do autor, o dualismo espacial e o temporal, parece que se combinam para expressarem as realidades futuras (temporal), de natureza celestial (espacial), que já têm penetrado neste tempo presente, em Jesus Cristo, e está ao alcance dos que crêem.

Finalmente, o livro reforça a natureza escatológica da salvação. Ela vem de cima, e está ainda no futuro. O que agora podemos experimentar dela não passa de "primícias", apropriadas pela fé. É nessa fé que temos de viver e morrer (11.1-40).

Os pregadores da felicidade, propriedade e saúde são ingênuos e artificiais tanto à luz das promessas escatológicas que só pertencem ao futuro, quanto diante da nuvem de testemunhas que

nos rodeiam. Já os cristãos que se sentem tentados a voltar para a vida antiga precisam olhar firmemente para o Autor e Consumador da nossa fé. Em Jesus Cristo temos o passado e futuro da salvação. Ele é o exemplo de como viver no presente e a prova de que, depois da fidelidade, vem a glorificação.